

DIÁLOGO ENTRE O SÍNODO DA AMAZÔNICA E A INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ

DIALOGUE BETWEEN THE AMAZON SYNOD AND THE INITIATION TO CHRISTIAN LIFE

*Albio Fabian Melchiorretto**

RESUMO

A região Pan-Amazônica representa um território importante para a humanidade. Com ela a discussão territorial pode ser de viés ecológico-integral ou aspectos culturais, entre outros. O presente artigo visa correlacionar o Documento final do Sínodo da Amazônia com o Documento n. 107 para estabelecer uma cartografia com a Iniciação à Vida Cristã. Para desenvolver esta problemática, o estudo se vale de análise documental para levantar dados, e com eles em mão, se propõe desenvolver uma cartografia, pensada a partir das características aproximativas do rizoma. A Iniciação à Vida Cristã é um convite para uma imersão através das características vivenciais para a formação do discipulado. O que motiva esta reflexão será pensar a formação vivencial do discipulado através de um olhar de resistência para compreender questões próprias de uma ecologia integral, a partir das necessidades levantadas no Sínodo Amazônico. O Documento sinodal faz o convite para uma conversão pastoral a partir do reconhecimento dos povos originários propõe novos caminhos para a igreja Pan-Amazônica. Como também aponta a importância do envolvimento do leigo, que iniciado à vida cristã assume sua vocação batismal.

Palavras-chaves: Sínodo Amazônico. Iniciação à Vida Cristã. Cartografia. Discipulado. Afeto.

Abstrack

The Pan-Amazon region represents an important territory for humanity. With it the territorial discussion can be of ecological-integral bias or cultural aspects, among others. This article aims to correlate the Final Document of the Amazon Synod with Document no. 107 to establish a cartography with the Initiation to the Christian Life. To develop this problem, the study uses documentary analysis to gather data, and with them in hand, it is proposed to develop a cartography, thought from the approximate characteristics of the rhizome. The Initiation to the Christian Life is an invitation for immersion through the experiential characteristics for the formation of discipleship. What motivates this reflection will be to think about the experiential formation of discipleship through a look of resistance to understand issues proper to an integral ecology, from the needs raised at the Amazon Synod. The Synodal Document invites an pastoral conversion based on the recognition of the original peoples and proposes new paths for the Pan-Amazonian church. It also points out the importance of the involvement of the lay person, who initiated into the Christian life assumes his baptismal vocation.

Keywords: Amazon Synod. Initiation to the Christian Life. Cartography. Discipleship. Affection.

* Doutorando em Desenvolvimento, pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, Universidade Regional de Blumenau. (FURB); Mestre em educação pela Universidade Regional de Blumenau (2016), especialista em Mídias e Educação (2012); Filosofia (2010) e Gestão Escolar (2007); Graduado em Filosofia pelo Centro Universitário de Brusque (2006). Atualmente está como Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior -CAPES. Contato: albio.melchiorretto@gmail.com

Enviado em
12.03.2020
Aprovado em
06.07.2020



1 INTRODUÇÃO

Quais são as grandes perguntas de nosso tempo? Aparentemente, esta questão, desvela algumas perspectivas. A primeira delas poderia ser uma chave de leitura para compreender o mundo que estamos envolvidos. O olhar para o mundo, alerta Papa Francisco, citado no início do *Documento n. 107*, é a alegria. Aqui é uma referência direta ao *Evangelii Gaudium*. A questão é a alegria, como uma marca para entender as perguntas, e obviamente, as respostas de nosso tempo. Outra leitura possível, é a questão do “nosso tempo”. Ao afirmar que existe um tempo, se pressupõe acreditar que existam outros tempos. Tempos que não nos pertencem. Então, ao questionar o “nosso tempo”, afirma-se, que ele é possuidor de problemas próprios, e pertencentes a um dado contexto. O *Documento n. 107*, no terceiro parágrafo, sugere a construção de um novo paradigma pastoral. Parece, de antemão, que uma pergunta própria para este tempo, seria como superar o paradigma pastoral vigente para propor um novo modelo pastoral que atenda às necessidades de nosso tempo? A resposta, para tal provocação, vem no parágrafo n. 9, que é o processo de Iniciação à Vida Cristã com novas disposições pastorais, e perspectivas para a formação de novo discipulado.

Os novos paradigmas pastorais, propostos no *Documento n. 107*, consideram uma revisão no processo de transmissão de fé. Se o território vivencial está num processo constante de transformação, a forma como a fé encontra-se neste espaço, ele também passará por uma mudança paradigmática. Uma das contribuições significativas que encontramos no *Documento n. 107* é o olhar para a comunidade cristã como território, por excelência, do processo de Iniciação à Vida Cristã. O documento pensa a comunidade como sujeito do processo, e faz uma crítica a individualização do ser humano. Enquanto isso, encontramos na *Laudato Si* uma crítica forte e veemente a individualização e a tecnocracia adotadas como respostas para nosso tempo. O que a iniciação cristã pressupõe, é uma tomada de atitudes, em vistas a uma decisão, partindo da vida em comunidade como direção para o discipulado. O que na essência, considera-se como superação da individualização, que é alardeada pelo capitalismo esquizofrênico.

Outra questão que caberia, diante do mundo capitalista, é nos perguntar qual é o lugar que a vida ocupa? Aqui, não falamos apenas da vida humana, mas de toda a criação. O Sínodo Amazônico, realizado em 2019, se coloca como um

processo em defesa da vida, dando continuidade aos discursos pós-conciliares da defesa da vida. Ele está alinhado ao pontificado de Papa Francisco, diante do apelo de uma conversão pastoral, como resposta as questões de nosso tempo. E para uma prática de conversão ecológica. Aqui, Paloschi (2019), nos ajuda a pensar a conversão ecológica como um exercício de cuidado da casa comum superando duas condições. A primeira delas, é a ideologia extrativista, que faz do humano um ser de uso e usurpação do meio; e a segunda superação, é a mudança de um paradigma colonial, ou neocolonial, como queriam, em torno da promoção da cultura do encontro e do afeto, considerando os saberes e práticas dos povos originários em torno da Mãe Terra.

Dito isto, temos o contexto no qual este estudo se dedicará. Nossa perspectiva, é pensar a partir de dois pontos, o primeiro, o processo de Iniciação à Vida Cristã, iluminados pelo *Documento n. 107* e o segundo ponto, o documento final do Sínodo Amazônico. A questão que nos provoca será pensar, qual a correlação do Sínodo Amazônico com a Iniciação à Vida Cristã? Nos parece que ambos os temas, pensam uma necessidade de conversão pastoral por meio da implantação de um paradigma, que traga respostas às problemáticas inerentes de nosso tempo. Com isso, o presente artigo visa correlacionar o *Documento final* do Sínodo da Amazônia com o *Documento n. 107* para estabelecer uma cartografia com a Iniciação à Vida Cristã. Para desenvolver o objetivo proposto, escolhe-se dois caminhos metodológicos. O primeiro deles, é a análise documental, dos contextos supracitados, e com ela pretende-se cartografar os dados a partir das características aproximativas do rizoma em Gilles Deleuze e Félix Guattari (2011).

A cartografia é por excelência a construção de mapas. Mas aqui, não pensaremos um mapa estanque, que é fechado em si. Olharemos a proposta do rizoma através dos seis princípios básicos, enumerados por Deleuze e Guattari (2011). Segundo eles, o princípio da conexão, que afirma que um rizoma pode estar conectado a qualquer outro, sem uma necessidade hierárquica para estabelecer outras possíveis ligações. O segundo princípio é o da heterogeneidade, que, ligado ao primeiro, afirma que qualquer conexão é possível. O terceiro princípio é da multiplicidade. Um rizoma não pode ser reduzido à unidade, ele constrói, considerando as multiplicidades das ligações. O quarto princípio é da ruptura assignificante, que pressupõe a estratificação de linhas com diversos vetores. O quinto ponto é o da cartografia, onde estabelece uma lógica pautada

na riqueza geográfica do devir, da exploração e descoberta sempre de novos territórios, e por último, da decalcomania, que afirma que o rizoma não pode ser copiado. Ao se reproduzir, faz surgir outros territórios, com novas possibilidades.

A escolha metodológica, diante do objetivo do estudo, justifica-se nas possibilidades que ele proporciona. O documento alvo, em certo grau, estabelece um paradigma estruturante, a partir da vida de comunidade e da comunhão, por meio de um processo de conversão pastoral. Pois então, a escolha do rizoma, como elemento metodológico para análise dos dados, justifica-se pela possibilidade de pensar as diferentes ligações, que se estabelecem em torno de uma reterritorialização de costumes e práticas. De certa forma, os documentos e o método proposto, são uma denúncia e um também pedido de resistência, frente a maquinaria do capitalismo que busca enrijecer o surgimento de outras-práticas. É uma escolha teórica que permite dialogar com possibilidades de resistência, frente a uma lógica da conservação de práticas ultrapassadas, como diria Francisco (2015). Apesar de muitos pontos díspares, entre o objetivo e a metodologia, recortamos aqui, o elemento essencial que tangencia ambas, para desenvolver então uma cartografia, que dê conta de entender a correlação entre o sínodo e o *Documento n. 107*.

O artigo será dividido em outras três seções. Primeiro, abordar-se-á os principais elementos do *Documento n. 107*, e como ele define o objeto da Iniciação à Vida Cristã. A seção seguinte, destacará as ideias gerais do Sínodo Amazônico, com ênfase aos pontos convergentes dos paradigmas da Iniciação à Vida Cristã. A propor este recorte teórico, considera-se de antemão que a proposta do Sínodo que é ofertar um novo olhar da Igreja para os povos da região Pan-Amazônica. Considere-se uma perspectiva de ecologia integral, dada pela leitura inicial da *Laudato Si*, mas para fins didáticos, nos atentaremos no objetivo proposto. O estudo possui uma limitação, quando falamos em região Pan-Amazônica ou Amazonas, não consideramos o fato das várias amazônias, de riqueza cultura e díspares. Como o intuito é uma análise documental comparativa, não entraremos na seara antropológica, por mais interessante que possa vir a ser. E por último, os entrelaçamentos próprios de uma cartografia, através do diálogo possível dado a partir da correlação sinodal com intenção de pensar a iniciação.

2 A INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ

Para chegar no objetivo que se propõe, o primeiro olhar para o *Documento n. 107* (CNBB, 2017), onde contextualizar-se-á aquilo que é pressuposto, para na seção seguinte correlacionar com as contribuições do sínodo. Como visão geral, o processo de Iniciação à Vida Cristã é um itinerário que, de antemão, reconhece as dificuldades evidenciadas na história do tempo presente. Diante delas a CNBB (2017) estabelece um novo paradigma pastoral. Esta perspectiva é retratada em outros documentos, como por exemplo as *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora* para os anos de 2019 a 2023 (CNBB, 2019). Ambas têm como inspiração o *Documento de Aparecida* (CELAM, 2008). O foco que se propõe, está no reconhecimento de um processo catecumenal, que se faz por meio de uma metodologia, focada na prática da Leitura Orante da Palavra de Deus, como caminho para superar as dificuldades e possíveis crises do paradigma de “nosso tempo”. Elementos que caminham com a intenção de propor um encontro, uma relação de afetos entre os membros da comunidade.

O *Documento n. 107* está fundamentado na narrativa do encontro de Jesus Cristo com a Samaritana em Sicar, relatado em Jo 4,1-42. O encontro sugere a prática pedagógica de Jesus por meio de passos. Ele também desvela um contexto simbólico que nos ajuda a pensar a iniciação cristã, como um itinerário para formar discípulos missionários. Três ideias que estão presentes no Evangelho de João, o seguimento, o afeto e o acolhimento. O seguimento se apresenta tanto no caminho de Jesus, que segundo o evangelista, era preciso passar pela Samaria, quanto na Samaritana, que diante do afeto do encontro, vivencia a inquietude provocada pelas palavras do mestre. Segundo Carmichael (1980), o encontro de Jesus com a Samaritana, é um encontro improvável. E aqui está um elemento interessante. O improvável não é impossível. Poder-se-ia comparar este aspecto com as dificuldades do tempo presente. A superação delas, passa pelo estabelecimento de um caminho, com um afeto.

A ideia do afeto é muito forte, mesmo que ela não apareça, assim dita, no Evangelho, nem no *Documento n. 107*. A experiência do encontro intrapessoal é marcada pelo diálogo. Aqui está uma resposta para o estabelecimento de um novo paradigma, como a introdução do *Documento n. 107* sugere. Um diálogo para estabelecer afetos que permitam criar um itinerário. A base construtiva vai além de um monólogo impositivo. A Samaritana reconhece Jesus Cristo, pelo afeto construído no diálogo que “tu és meu Deus” (Os, 2,26). A fé é um processo

de afeto. E a partir do reconhecimento, ela se abre para uma conversão pessoal que reflete na postura autêntica da comunidade que está inserida. Cabe ainda lembrar, que a Samaritana não é nomeada no encontro. Quem é a Samaritana então? Ela sou eu, é você, é toda a comunidade, é uma ideia.

A partir do envolvimento afetivo de Jesus com a Samaritana e a postura de inquietude dela com a comunidade, o texto do *Documento n. 107* desenvolve uma proposta de ação evangelizadora para Iniciação à Vida Cristã. Ele tem por base despertar a identidade de pertencimento. “O Evangelho não mudou, mas mudaram os interlocutores. Mudaram os valores, os modelos, as alegrias e as esperanças, as tristezas, e as angústias dos homens e de mulheres de hoje” (CNBB, 2017, n. 53). O despertar identitário somente será possível no reconhecimento daquilo que está territorializado na história do tempo presente. A pedagogia de Jesus com a Samaritana, tem como ponto de partida, o reconhecimento daquele contexto. A proposta de iniciação para tempos hodiernos, possui a mesma chave de leitura. O reconhecimento do território, que já foi por muitas vezes reterritorializado. Sem este reconhecimento, não há formação de identidade.

A comunidade cristã tem uma identidade, e ela é construída através da inspiração catecumenal. No Brasil, o *Documento de Estudos n. 97*, segundo Castro (2016), é o ponto inicial para o cuidado com a Iniciação à Vida Cristã, embora alguns possam questionar. Já o *Documento n. 107*, busca nas orientações do RICA (2010) o estabelecimento de passos para educar à fé. O RICA (2010) é o restabelecimento de um paradigma que recupera práticas de fé, inspirado na vivência dos primeiros cristãos. A educação para a fé, acontece em quatro tempos graduais. O tempo do pré-catecumenato, o catecumenato, a purificação e iluminação e a mistagogia. Segundo CNBB (2017), o pré-catecumenato é o tempo de acolhida na comunidade, marcado pelos passos da primeira evangelização, o querigma. O catecumenato é o tempo mais longo de aprofundamento e vivência da conversão. O terceiro tempo, a purificação e a iluminação, onde acontecem os escrutínios e se aproxima a sacramentalização. A mistagogia, por sua vez é tempo de mergulho no mistério cristão, por meio da imersão vivencial na comunidade.

O itinerário de iniciação se faz de encontros e afetos. Os encontros através dos quatro tempos são mergulhados na experiência da Palavra de Deus através

da prática da Leitura Orante, como afirma CNBB (2017). A Palavra de Deus como centralidade de todo o processo, também é composta com a simbologia de inserção gradativa da comunidade. Uma prática que revela um estado permanente de missão e que sugere uma prática com direção mistagógica. Para tal, há quatro indicações apontadas no *Documento n. 107*, que é a integralidade com a liturgia (n. 145); a centralidade com a Palavra (n. 146); uma prática querigmática (n. 154) e o alerta para formação permanente (n. 178). Em suma, o *Documento n. 107* é uma proposta de orientação metodológica para o estabelecimento de um itinerário com base num encontro afetivo a fim de fortificar a conversão da comunidade diante das dificuldades que lhe são apresentadas. Como afirma Castro (2016), o modelo catecumenal exige para si uma mudança radical ao longo de todo processo.

3. O SÍNODO DA AMAZÔNIA

O primeiro direcionamento que temos nesta seção, será conhecer a origem da palavra sínodo. Tem natureza grega, no prefixo *syn* (sun) e *odos* (odoV), que respectivamente significam com, ou junto, e, rota ou caminho. Então poderíamos chegar à origem da palavra, com o significado de uma rota, ou caminho que se põe a fazer em conjunto. Cabe a questão, quem são as pessoas que aceitam o desafio de pôr-se em conjunto para caminhar? Via de regra, a expressão sínodo, é usada num encontro de autoridades eclesásticas com a intencionalidade de pôr em discussão, a decisão de um itinerário indicativo para um determinado assunto ou tema. Neste caso específico o tema de caminha é a região Pan-Amazônica. Um território de mais de 7.000.000 km², que se estende por nove países sul-americanos. Um espaço de saberes originários, de povos ancestrais, que se conservam graças a perspicácia dos nativos que se contrasta com o interesse do capital exploratório.

Como território, o sínodo tem sob seu olhar, o maior bioma latino americano. As reflexões são dadas, a partir da *Laudato Si*. Para nossa fundamentação, recuperamos também o discurso do Papa em Puerto Maldonado (PAPA FRANCISCO, 2018), e aqui no Brasil, de modo incipiente ainda, as *Campanhas da Fraternidade* de 2016 e 2017. O sínodo propõe um olhar de descolonização a região Pan-Amazônica. É o que Paloschi (2019) chamou de escutar o grito à consciência frente a uma visão desenvolvimentista de exploração, construída desde a invasão colonial portuguesa e espanhola, a partir do século XV.

Portanto, dar voz e rosto a igreja amazônica, é um clamor da igreja em saída (Papa Francisco, 2014), diante do lastro histórico deixado. Um território que contém uma das maiores reservas de água potável do planeta e é fundamental para o ciclo do carbono, e ao mesmo tempo, é vítima de uma agenda desenvolvimentista predatória que causa pobreza estrutural. A partir deste território de contrastes, que a proposta da igreja está em apresentar um itinerário cristão, que leve a uma conversão pastoral e ecológica compreendendo a socio diversidade complexa da região Pan-Amazônica.

Diante deste contexto, o *Documento Final* do Sínodo Amazônico se propõe pensar um itinerário que supere a consciência dramática da destruição, sugerindo mudanças sociais radicais (2019, n. 2). Elemento que reforça aquilo que Papa Francisco (2015) aponta na *Laudato Si*, que é o cuidado com a casa comum. O *Documento Final* está dividido em cinco capítulos. O primeiro deles, apresenta um olhar geral sobre a Região Pan-Amazônica e os quatro subsequentes, tratam de uma caminhada de conversão. Caminhada única, com aspectos de conversão, didaticamente enumerados. São apontados os caminhos de conversão pastoral; cultural; ecológica e sinodal. Apesar da divisão didática, o documento pensa as estratégias pós-sinodais de maneira sistêmica e orgânica (cf. n. 6). A vida cristã se manifesta no projeto de vida, que evidencia um comportamento humanamente equilibrado, frente a crise socioambiental que a humanidade está submetida. O documento da Região Pan-Amazônica é destinado a todos os seres humanos. Estabelece um paradigma ecológico integral.

Vejamos cada uma das proposições de conversão. Os novos caminhos de conversão pastoral sugerem pensar, assim como descrito na *Evangelii Gaudium*, a proposição de ser uma igreja em saída. Esta proposição retoma outros indicativos, como o reconhecimento da igreja com o rosto do pobre, do migrante, do jovem, para constituir um rosto local, com os povos originários. Constituído as prerrogativas, perpassa a necessidade de se pensar uma pastoral urbana, que atenda também a defesa dos direitos sociais. A conversão pastoral sugere a consolidação da pastoral da visitação (cf. n. 39). O capítulo seguinte discursa da necessidade da conversão cultural. Faz uma denúncia ao etnocídio (n. 45), e com a denúncia vem as considerações de reconhecimento dos saberes originários e um olhar de alteridade para desenvolver uma proposta de igreja, e uma catequese intercultural. Entender o outro, mas não cair em práticas proselitistas, é o alerta (cf. n. 56).

O capítulo da conversão ecológica, faz um discurso ambiental alinhado ao paradigma de justiça (cf. 68), da defesa dos que resistem a exploração e das comunidades que lutam pelos direitos humanos. A conversão ecológica é a chamada para superação do modelo colonial de exploração, que atende apenas os interesses do capital. O pecado ecológico é também um pecado de omissão (cf. n. 82). Diante do grito da mãe Terra, urge uma resposta. E por fim, a conversão sinodal. Ela apresenta elementos propositivos para uma igreja em saída, inculturada e com consciência ecológica. A ideia que perpassa, de maneira geral, é o caminhar em conjunto com toda a igreja, com olhar cuidadoso da casa comum para a participação dos fiéis leigos. Assim há o reconhecimento da necessidade de discernimento comunitário, da valorização do espaço da mulher, do papel dos diáconos e da valorização de um rito dos povos indígenas. Tudo isso apontado com a centralidade da comunidade na Eucaristia (cf. n. 110).

Nos parágrafos acima, apresentemos uma leitura panorâmica do *Documento Final*. Ela é oportuna para o ponto que desejamos chegar, que é a correlação entre o *Documento Final* do Sínodo da Amazônia, com o *Documento n. 107* para pensar a Iniciação à Vida Cristã. Assim enumeramos os seguintes recortes.

Quadro 1: Contribuições do Sínodo para pensar a Iniciação à Vida Cristã

Parágrafo	Enunciado
17	[...] Uma Leitura Orante da Palavra de Deus nos ajudará a aprofundar e descobrir os gemidos do Espírito e nos encorajará em nosso compromisso de cuidar da “casa comum”.
18	Como Igreja de discípulos missionários, suplicamos a graça da conversão que “comporta deixar emergir, nas relações com o mundo que os rodeia, todas as consequências do encontro com Jesus” (<i>Laudato Si</i> , n. 217); uma conversão pessoal e comunitária que nos compromete a nos relacionar harmoniosamente com a obra criadora de Deus, que é a “casa comum” [...].
26	Este Sínodo quer ser um forte apelo para que todos os batizados da Amazônia sejam discípulos missionários. O envio à missão é inerente ao batismo e é para todos os batizados.

<p>43</p>	<p>Nos povos da Amazônia encontramos ensinamentos para a vida. Os povos originários e aqueles que chegaram mais tarde e forjaram sua identidade na convivência, trazem valores culturais nos quais descobrimos as sementes do Verbo. Na floresta, não só a vegetação se entrelaça apoiando uma espécie à outra, mas também os povos se interrelacionam entre si em uma rede de alianças que beneficiam a todos. A floresta vive de inter-relações e interdependências e isso acontece em todas as áreas da vida. Graças a isso, o frágil equilíbrio da Amazônia foi mantido durante séculos.</p>
<p>53</p>	<p>É necessário “dar uma catequese apropriada e acompanhar a fé já presente na religiosidade popular. Um caminho concreto poderia ser oferecer um processo de iniciação cristã” (Documento de Aparecida, n. 300), que nos leve a nos tornarmos cada vez mais semelhantes a Jesus Cristo, provocando a progressiva apropriação de suas atitudes.</p>
<p>57</p>	<p>As ações educativas são hoje desafiadas pela necessidade de inculturação. É um desafio buscar metodologias e conteúdos adequados aos povos nos quais queremos exercer o ministério do ensino [...].</p>
<p>110</p>	<p>[...] Ela [a Eucaristia] é, sem dúvida, o ponto de chegada (culminação e consumação) da comunidade; mas é, ao mesmo tempo, o ponto de partida: do encontro, da reconciliação, da aprendizagem e da catequese, do crescimento comunitário.</p>

Fonte: O quadro elaborado pelo autor (2020), a partir de dados disponíveis no Documento Final do Sínodo (2019).

Os números destacados acima nos ajudarão na leitura a cartografia a entre os dois documentos, a fim de destacar as contribuições do sínodo para pensar a Iniciação à Vida Cristã. O parágrafo 17, parte da Leitura Orante da Palavra de Deus como ponto de aprofundamento espiritual. A metodologia da Leitura Orante, ou *lectio divina*, é uma prática da tradição antiga da Igreja Católica, encontrada, segundo Secondin (2010), em cartas de Orígenes para Gregório, por volta do ano de 250. A Leitura Orante é uma prática consolidada, de importância fundamental na Igreja. “A Leitura Orante da Palavra de Deus é um recurso muito importante para iniciar novos cristãos e ao mesmo tempo, manter toda a comunidade no caminho da escuta obediente da Palavra (CNBB, 2017, n. 180). O que o *Documento Final* indica é a espiritualidade a partir do contato com a Palavra, como critério encorajador para uma prática do cuidado. Neste ponto, há uma contribuição de assumir a iniciação como um projeto de vida e também, como itinerário para caminhada da comunidade.

Ainda há outra contribuição dada no parágrafo n 17. Quando há a proposição de cuidado da casa comum, há também a premissa de comunidade, que é intrínseca a expressão. Quando o *Documento n. 107* aponta que a comunidade é uma “casa da Iniciação à Vida Cristã” (cf. n. 50), está apontando que a comunidade é o sujeito da iniciação. A figura da casa, não aparece como um espaço próprio da propriedade privada, mas a casa, como metáfora do lugar primordial do cuidado, a casa como a Mãe Terra, que é espaço de todos. A casa como o lugar do compromisso primeiro. Na figura da casa, há uma ponte entre os dois textos. No *Documento n. 107*, a abertura da casa, como sujeito da ação, e no *Documento Final* temos a casa, que faz menção a *Laudato Si* (Francisco, 2015), como lugar para o cuidado que nasce a partir de uma experiência espiritual. A casa não é apenas o abrigo do ativista ambiental, em si mesmo, mas o espaço do olhar ambiental, diante da perspectiva holística, que abraça o indivíduo, a comunidade e a Mãe Terra.

O *Documento n. 107*, na introdução, provoca o leitor diante da afirmação que, “o processo de Iniciação à Vida Cristã requer novas disposições pastorais (CNBB, 2017, n. 9). A formação de discípulos missionários é uma caminhada de conversão. A conversão acontece tanto com o indivíduo, que se propõe a assumir a caminhada, quanto com a comunidade, que ele está inserido. É um processo integrador e pressuposto para instituição de um itinerário de Iniciação à Vida Cristã. A partir desta perspectiva, o *Documento Final*, lança luz para este movimento, afirmando que “uma conversão pessoal e comunitária nos compromete a nos relacionar harmoniosamente com a obra criadora de Deus” (ASSEMBLEIA, 2019, n. 18). O processo de iniciação, dentro do contexto sinodal, é pressuposto para que ele produza frutos, e dê um novo rosto a todos os entes envolvidos. A reflexão é sobre um território específico, mas não se reduz a ele. A lógica de uma conversão pessoal e comunitária impele toda a caminhada da igreja, e lança a luz da vinculação direta, a um itinerário formativo para pensar a continuidade da vida comunitária que se faz diante do apelo de conversão. Uma proposição processual e contínua, como a conversão ecológica também o é.

O *Documento n. 107* afirma que o Batismo é a primeira entrada para a participação no mistério do Senhor (cf. n. 130). Elemento que implica o forte apelo rumo à missão do discípulo. Embora o *Documento final* não se dirija diretamente a Iniciação à Vida Cristã, apresenta o fundamento do iniciado, enquanto partícipe da comunidade que está aí. Olhar a vida como Deus olha.

Sentir a vida como Deus sente. A aproximação da vida, com a vida do cristão, inter-relacionando-se com o meio. Elemento presente no *Documento final* (cf. n. 43). O iniciado tem uma missão que se dá na interdependência com o meio no qual está inserido. Não há discipulado sem o cuidado com a Mãe Terra, com os povos originários e com todo o conjunto de saberes já produzidos por estes. O *Documento final* impele a repensar e superar as práticas exploratórias, próprias do capital, que danificam uma construção cultural.

O *Documento final* recupera o *Documento de Aparecida* no n. 53, quando se expressa a necessidade de uma catequese apropriada. Mas, o que viria a ser uma catequese apropriada? Neste contexto, é a formulação de uma ética do cuidado que considere os saberes e a religiosidade local, que nos torna, como diz o texto sinodal, cada vez mais semelhante com Jesus Cristo. O *Documento de Aparecida*, no n. 300, o faz isso, apontando o processo de catequese catecumenal como uma proposição para conversão pessoal, a fim de nos tornar semelhantes a Cristo. E no documento sinodal esta aproximação se faz no reconhecimento dos saberes originários. Um processo contínuo de caminhada que se reconhece no reconhecimento do outro, do que ele é, e dos saberes que ele e sua comunidade acumularam. Não é um processo de expropriação, mas considera o que há dentro do seio da comunidade. Sem a comunidade não há uma catequese apropriada. Os elementos aqui apresentados estão conectados.

A partir da metade do *Documento final*, como elucidado nos n. 43 e n. 57, o discurso da ética de cuidado, para com os saberes dos povos originários, é sempre presente. O iniciar na vida cristã não pode ser um processo de destruição, mas é o agregar a partir da pessoa de Cristo. Introduzir o iniciado na vida da comunidade. Por isso que, no n. 57, somos alertados pela necessidade da enculturação e da busca de metodologias adequadas para um território específico. O processo de inspiração catecumenal dado a partir do quadro geral da Iniciação à Vida Cristã - *Documento n. 107*, n. 118-122 -, somente fará sentido, em determinadas comunidades, se considerar-se-á sua história identitária. E quando o quadro fala em “tempo de acolhimento na comunidade cristã” é preciso considerar os laços de afeto que são construídos. Sem afeto não haverá metodologias adequadas aos povos originários. Sem afeto não há aproximação, sem aproximação não acontece nenhum processo de envolvimento, nem de comunidade. O processo de iniciação é associativo à vida da comunidade, por isso a insistência no respeito a cultura de outrem, uma experiência de afeto.

E como tudo isso, para onde a comunidade caminha? O n. 110 do *Documento Final* deixa a resposta bem clara, que é a Eucaristia. O ponto de chegada da comunidade é a Eucaristia. O ponto de chegada da Iniciação à Vida Cristã é a Eucaristia. “Do ponto de vista dos três sacramentos de iniciação, a Eucaristia é uma culminância um sinal de plena e definitiva inserção da Igreja” (CNBB, 2017, n. 133). O encontro com Cristo é aquele do encontro com a reconciliação, a aprendizagem e a catequese, como diz o *Documento final*, com isso, acontecerá o crescimento comunitário. O afeto que se desvela na comunidade viva no Cristo eucarístico.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi apresentado pelo *Documento n. 107* e pelo *Documento Final* do Sínodo Amazônico buscamos responder à questão da correlação entre o Sínodo Amazônico e a Iniciação à Vida Cristã. A princípio são temas díspares, mas que convergem diante da proposição de uma igreja em saída, com uma proposta de conversão pastoral. Ambos os textos apontam respostas às problemáticas inerentes ao nosso tempo. A cartografia por meio de uma análise documental, dos contextos supracitados desvelam algumas considerações.

Os textos se conectam diante da necessidade de envolvimento dos fiéis que assumem a vocação batismal. Para tal, o processo de Iniciação à Vida Cristã é uma ação fundante. Um elemento que leva ao outro, não necessariamente hierarquizados. As proposições pastorais apontadas na parte final do documento sinodal como aquelas apresentadas no *Documento n. 107*, sugerem uma caminhada. Não existe uma dependência clara entre ambos, porém, se complementam no sentido de apontar luzes para a caminhada. O que se destaca dentro, é que a Iniciação à Vida Cristã, motiva o fiel à vida em comunidade, e o Sínodo propõe uma necessidade de reflexão, seguida de ação para desenvolver múltiplas possibilidades dentro de um contexto que grita por atenção e mudanças. O grito da Amazônia, neste caso, é um grito motivado pela necessidade de uma conversão ecológica pensada integralmente.

O *Documento final* deixa claro que existem, dentro da Região Pan-Amazônica, diferenças culturais significativas. As realidades multiculturais não são barreiras para um trabalho de comunhão. As rupturas dadas pelas características próprias dos povos e pelos saberes originários, formam uma rede com a proposta da igreja. A caminhada de conversão pastoral e ecológica, na Região

Pan-Amazônica, é um desafio de multiplicidade. As linhas culturais formadas, podem se reterritorializar em nome de uma ação catequética cristocêntrica. Que acolhe, abraça e não exclui todo o conjunto formativo pré-existente. As linhas formam um mapa de significados e de encontros. O que faz da perspectiva pós-sinodal uma realidade complexa e desafiadora.

A contribuição da aproximação dos dois textos, aqui estudados apresentam a ramificação e o papel atuante dos fiéis leigos dentro da estrutura da igreja. E a conexão com a Iniciação à Vida Cristã é o ponto chave. A atitude da Samaritana, que após o encontro com Cristo do poço de Jericó, foi anunciar aos seus pares. A ação pós-sinodal é o feito da Samaritana. É o afeto com seus pares. O ir para os seus considerando a experiência de cada um. Como já afirmamos, documentos diferentes, mas que se conectam diante de um propósito de pensar uma igreja viva diante do chamado para uma conversão pastoral. Uma conversão ecológica integral como ponto de partida.

REFERÊNCIAS

- ASSEMBLEIA ESPECIAL DO SÍNODO DOS BISPOS PARA A REGIÃO PAN-AMAZÔNICA (Vaticano). **Documento final**. 2019. Disponível em: <<http://www.sinodoamazonico.va/content/sinodoamazonico/pt/documentos/documento-final-do-sinodo-para-a-amazonia.html>>. Acesso em: 22 jan. 2020.
- Bíblia Sagrada**: Tradução da CNBB. 7. ed. São Paulo: Edições da CNBB, 2008.
- CARMICHAEL, Calum M. **O casamento e a mulher Samaritana**. Estudos do Novo Testamento n. 26, s/d, 1980.
- CASTRO, Samuel Sampaio. Impactos do RICA na Iniciação à Vida Cristã: percepções sobre as práticas de agentes de pastoral. **Revista Eletrônica Espaço Teológico**, v. 10, n. 18, p. 209–219, jul/dez. PUC-SP, São Paulo, 2016.
- CELAM, Conselho Episcopal Latino-Americano. **Documento de Aparecida**: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. 7. ed. Brasília: Edições da CNBB, 2008.
- CNBB, Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. **Campanha da Fraternidade 2017**: biomas brasileiros e defesa da vida. Brasília: Edições da CNBB, 2016. (Texto Base).
- CNBB, Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil**: 2019-2023. Brasília: Edições da CNBB, 2019.

- CNBB, Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. **Iniciação à Vida Cristã**: itinerário para formar discípulos missionários. Brasília: Edições da CNBB, 2017 (Documentos da CNBB n. 107).
- CNBB, Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. **Iniciação à Vida Cristã**: um processo de inspiração catecumenal. Brasília: Edições da CNBB, 2009 (Documento de Estudos n. 97).
- CONIC, Conselho Nacional de Igrejas do Brasil. **Campanha da Fraternidade 2016**: casa comum, nossa responsabilidade. Brasília: Edições da CNBB, 2016. (Texto Base).
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia 2. Volume 1. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.
- PALOSCHI, Roque. O sínodo da Amazônia: grito à consciência, memória da missão, opção pela vida. **Vida Pastoral**, v. 60, n. 327, São Paulo, Paulus. p. 15–22, 2019.
- PAPA FRANCISCO. Carta encíclica Laudato Si do Santo Padre Francisco sobre o cuidado da casa comum. Brasília: Edições da CNBB, 2015.
- PAPA FRANCISCO. **Encontro com os povos da Amazônia**. Discurso do Santo Padre, Puerto Maldonado, 19 de janeiro de 2018. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/january/documents/papa-francesco_20180119_peru-puertomaldonado-popoliamazonia.html>. Acesso em: 21 jan. 2020.
- PAPA FRANCISCO. **Evangelii Gaudium**. Exortação apostólica a alegria do Evangelho. São Paulo: Paulinas, 2014.
- RITUAL DA INICIAÇÃO CRISTÃ DE ADULTOS (RICA). 6.ed. São Paulo: Paulus, 2010.
- SECONDIN, Bruno. **Leitura Orante da Palavra**: Lectio Divina em comunidade e na paróquia. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2010. (Coleção viver a palavra).